

Missão da UERJ viaja à Itália para Festival e inauguração de um escritório

Na segunda quinzena de setembro uma missão de professores e pesquisadores da UERJ participará na Itália do *Festival della Letteratura di Viaggio* (Festival de Literatura de Viagem). Organizado pela Sociedade Geográfica Italiana, o Festival homenageará o Brasil - a Universidade foi convidada para participar da sessão *Brasile, storie da un gigante* (Brasil, história de um gigante) e com atividades mostrando sua produção acadêmica e de extensão. Integram a missão o Reitor Ricardo Vieiralves, a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, o diretor do Departamento Cultural, Ricardo Lima, a diretora do Instituto de Geografia, Aureanice de Mello Correa, o diretor da EdUERJ, Italo Moriconi, o professor da Faculdade de Oceanografia, Marcos Bastos, e as professoras do Departamento de Ciências Sociais, Claudia Barcellos Rezende e Rosane Manhães Prado.

Além dessa participação, a Universidade vai inaugurar o escritório que funcionará temporariamente no Instituto Vesuviano, que abriga a Fundação Restoring Ancient Stabiae (RAS), e possui estrutura com salas de trabalho e de aula e espaço para hospedagem de pesquisadores. O escritório vai operar como base de atuação da Universidade na Europa reforçando a internacionalização das ações acadêmicas, que se destacaram a partir do incentivo e do apoio institucional nos últimos anos.

A UERJ é, até agora, a única universidade que recebeu autorização do governo italiano para instalar um escritório no país. Segundo a professora Regina Henriques, “isso nos fez pensar na criação de uma associação de universidades brasileiras na Itália, coordenada pela UERJ, já que temos a autorização do

A UERJ É, ATÉ AGORA, A ÚNICA UNIVERSIDADE QUE RECEBEU AUTORIZAÇÃO DO GOVERNO ITALIANO PARA INSTALAR UM ESCRITÓRIO NO PAÍS.

O ESCRITÓRIO VAI OPERAR COMO BASE DE ATUAÇÃO DA UNIVERSIDADE NA EUROPA REFORÇANDO A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS AÇÕES ACADÊMICAS

governo italiano, e com a participação das universidades públicas que aceitarem nosso convite. Assim poderemos trabalhar ensino, pesquisa e extensão em colaboração com instituições dos dois países a partir dos protocolos de atuação, produção e difusão que estabelecermos”.

Alguns trabalhos já estão em desenvolvimento no âmbito do escritório na Itália. Uma vez ao ano, por exemplo, alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) fazem visitas de estudo e aprofundamento cultural em sítios arqueológicos. Uma parceria entre a UERJ, a Fundação RAS e a Universidade Parthenope de Napoli, na área de ciências do mar, inclui a criação de curso pioneiro (no Brasil) de mergulho técnico-científico, com empréstimo de submarino e equipamentos a serem instalados na Universidade. Outra parceria em constituição com a Fundação RAS e a Universidade de Nápoles Federico II vai articular a participação de pesquisadores brasileiros em estudos de ciências da terra, voltados principalmente para ações de contenção, prevenção e controle de riscos em grandes acidentes ambientais. Com a Universidade de Molise a UERJ analisa a instituição de um curso binacional sobre preservação de bens culturais, arqueológicos e arquitetônicos, e com a Academia de Belas Artes de Nápoles está sendo elaborada proposta de criação de cursos de

restauração, com a instalação de um laboratório modelo em Paraty.

O estreitamento das relações entre a UERJ e instituições italianas começou em 2008 e envolve o Consulado Italiano no Rio de Janeiro e o Instituto Italiano de Cultura. A professora Regina Henriques explica que, “neste período, fizemos uma aproximação com a Universidade de Roma Tor Vergata e a Sociedade Geográfica Italiana para a construção de pós-graduação conjunta com o Instituto de Geografia.” Neste processo de interação entre o IGEOG e a Universidade de Roma o professor Aniello Avella, que pesquisa a história da imperatriz Teresa Cristina, veio para a Universidade como professor visitante. Entre outubro de 2011 e outubro de 2012, a UERJ teve intensa participação nas atividades comemorativas do momento Itália-Brasil: a exposição *Além de Pompéia: redescobrimos os encantos de Stabiae*, por exemplo, trouxe pela primeira vez para a América Latina peças originais do sítio arqueológico de um conjunto de vilas na região de Nápoles atingidas pela erupção do vulcão Vesúvio no ano de 79 d.C.

A interlocução e a parceria com a Fundação RAS indicaram a possibilidade de intercâmbio permanente com a Fundação e universidades parceiras, o que resultou na criação do escritório da UERJ na Itália, autorizado pelo governo italiano em janeiro de 2013.

Exposição retrata o cotidiano das confecções de Nova Friburgo

Fruto da pesquisa “O Polo de confecção de Nova Friburgo: inovação na continuidade” do professor do Instituto Politécnico (IPRJ) André Laino, a exposição “Costurando a Vida” será inaugurada no dia 4 de setembro, às 18h30, na Galeria Gustavo Schnoor, do Centro Cultural da UERJ, no *campus* Maracanã.

A mostra reúne 51 trabalhos da fotógrafa Mariza Gomes de Almeida, duas máquinas de costura (uma antiga e outra atual), componentes de peças de vestuário, como pala e bojo, por exemplo, além de peças inteiras já costuradas, e pretende revelar, em perspectiva histórica, aspectos sociais, tecnológicos e estéticos relativos às estruturas de classe, presentes nas atividades do setor de confecção friburguense de vestuário.

Segundo dados da pesquisa, o Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo gera cerca de 20 mil postos de trabalho, diretos e indiretos, num universo de aproximadamente 180 mil habitantes. Isso, sem contar as ocupações informais e os contratos temporários, situações de difícil mensuração. O Polo fatura 600 milhões de reais por ano e responde por 25% do que é produzido nacionalmente.

O estudo tem como referência a Sociologia do Trabalho que, conforme explica o Professor Laino, “estuda as



MARIZA GOMES DE ALMEIDA



relações de produção (homem versus máquina) e as relações de trabalho (homem versus homem) em todos os ambientes: formais e informais, dentro e fora de fábricas, em qualquer localidade onde se trabalhe, abordando, por meio de tais relações, os conflitos e tensões, continuidades e descontinuidades, em tais ambientes,

principalmente, na sua vinculação, com as transformações científicas e tecnológicas.”

A exposição permanecerá aberta para visitação, com entrada franca, de segunda a sexta-feira, das 9h às 20h, até o dia 4 de outubro. Mais informações pelo *site* <www.decult.uerj.br> ou pelo telefone 2334-0114.

Professores da UERJ são eleitos para Academia Brasileira de Filosofia

Os professores Francisco Caruso, do Instituto de Física Armando Dias Tavares e Edgard Leite, do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, foram eleitos para a Academia Brasileira de Filosofia por seus trabalhos interdisciplinares que dialogam com a área da Filosofia.

Francisco Caruso é professor da disciplina História e Filosofia da Física e dedica parte de sua pesquisa acadêmica a problemas epistemológicos ligados ao conceito de espaço na Física. “Mais especificamente, tenho feitos trabalhos, tanto em Física como em Filosofia sobre o problema da dimensionalidade do espaço”,

relata o pesquisador que foi eleito por unanimidade para a Academia Brasileira de Filosofia no início de agosto.

O professor Edgard Leite, pesquisador da história da religião, teologia e filosofia, realiza estudos sobre a Índia e Israel antigo: “sempre comparo Moisés e *Krishna* com os textos do Êxodo e *Bhagavad Gita*. Na Índia, quando *Krishna* fala com *Arjuna*, entra-se em um espaço de ausência de tempo. Já quando Moisés sobe o Monte Sinai para conversar com Deus, tudo continua acontecendo. A história para os judeus caminha sempre, para os indianos a eternidade é o foco. É uma diferença muito forte”, explica.

Edgard Leite foi eleito em junho e empossado no final de agosto, passando a ocupar a cadeira nº4 cujo patrono é o escritor Alceu Amoroso Lima e que foi ocupada anteriormente pelo jornalista Antônio Carlos Vilaça.

A Academia Brasileira de Filosofia foi fundada em 1989 por filósofos atuantes na cultura brasileira e tem como missão a defesa, a divulgação e preservação da memória da cultura filosófica brasileira, da memória de seus membros e dos principais pensadores nas mais diversas áreas do pensamento, além da organização de eventos filosóficos nacionais e internacionais.

Monica Heilbron, Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa

Nesta entrevista a professora Monica Heilbron aborda as mudanças em curso para o Prociência – Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – depois da implantação do regime de Dedicção Exclusiva na Universidade e com base na necessidade de reformulação dos critérios de pontuação para avaliação dos professores que pertencem ou pretendem aderir ao Programa. O Prociência foi instituído em 1995 por meio da Deliberação 001/95 do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa e Extensão, com execução orçamentária viabilizada por convênio de cooperação técnica firmado em 1996 entre a UERJ e a FAPERJ, para apoiar a produção acadêmica docente nas diferentes áreas de conhecimento por meio da concessão de bolsa especial que implicava em compromisso de dedicação exclusiva à Universidade, tanto na docência quanto na pesquisa.

Qual o impacto do Prociência para o crescimento da Universidade nesses primeiros 17 anos?

O Programa foi criado porque a UERJ tinha um perfil mais voltado para o ensino na graduação. A pós-graduação e a pesquisa eram atividades tímidas dentro da Universidade. O Prociência foi uma forma de incentivo para que os pesquisadores que quisessem se dedicar a essas atividades pudessem ficar integralmente na Instituição, por isso as bolsas foram concedidas como compromisso de dedicação exclusiva. Nesse período, o Prociência fixou pesquisadores de excelência na Universidade. O benefício salarial fez com que esses professores não precisassem, por exemplo, dividir suas atividades com outras instituições de ensino e se dedicassem apenas à UERJ. Eu sou um exemplo, pois decidi pela Universidade em função do Programa. A implantação do Prociência modificou o perfil da produção universitária em vários aspectos: evolução da titulação docente, bolsas de produtividade, produção científica, programas de pós-graduação, captação de recursos, iniciação científica, crescimento da cooperação internacional. Todos esses aspectos estão vinculados à dedicação dos professores com maior produtividade, com capacidade de buscar recursos externos, nuclear equipes, grupos de pesquisa e novos programas de pós-graduação. Os indicadores apontam que o crescimento não foi apenas quantitativo, mas também na qualidade, que é monitorada pelo desempenho da UERJ na Capes, por exemplo. É um círculo virtuoso.

Com a implantação do regime de Dedicção Exclusiva foi preciso repensar os objetivos do Programa. Quais são os pontos centrais dessa reformulação?

Existia uma necessidade de adaptação do Programa, pois a pontuação exigida não estava mais discriminando os pesquisadores. Muitos professores alcançavam o teto da pontuação e nós verificamos que alguns critérios não abrangiam a distinção que fazemos do pesquisador sênior e do júnior ou do profissional que



está na construção da sua carreira acadêmica. O Prociência foi concebido como uma forma de dedicação exclusiva, que se trata agora de um regime de trabalho instituído. O Reitor Ricardo Vieiralves teve a visão de manter o Prociência tanto no texto da Lei nº 5343/2008 (Implantação do Plano de Cargos e Salários) quanto na Lei nº 6328/2012 (Dedicção Exclusiva). Desde a sua concepção, o Programa contribuiu durante 17 anos para o crescimento da Universidade. A nossa proposta de reformatação pretende, além da parte técnica, desenhar um Programa que contribua para os próximos 20 anos de crescimento da Instituição.

Quais são as principais mudanças?

Para ingressar no Prociência, é necessário primeiro a adesão ao regime de Dedicção Exclusiva. Antes tínhamos dez critérios de avaliação para a pontuação, passamos agora a avaliar apenas quatro elementos centrais: produção científica, artística e tecnológica; orientações acadêmicas, tanto na graduação como na pós-graduação; projetos de pesquisa de grande e de pequeno porte; atividades técnico-científicas e de extensão, tais como bancas, consultorias, participação em corpo editorial de revistas, coordenação de programas de pós-graduação. Duas questões centrais também foram modificadas: valor e número de bolsas. Quando o programa foi criado, em regime de dedicação exclusiva, foi estabelecido que o valor de bolsa seria equivalente a 70% do salário do pesquisador. Para alterar esse valor foi realizado um grande debate na UERJ e chegamos a um valor fixo de R\$ 4 mil. Isso permite ampliar a base do programa sem alterar o orçamento. Trata-se de uma demanda grande e justa, já que a quantidade de pesquisadores produtivos está aumentando. Dessa forma podemos oferecer 500 bolsas para o total do programa (100 bolsas a mais do que era oferecido antes), que são liberadas em duas chamadas. Outra modificação diz respeito às reservas de vagas para os Centros Setoriais. O conselho consultivo da SR2 realizou um estudo e acertou os critérios de pontuação, o que resultou em uma média entre os Centros bem similar. Dessa forma, não há desequilíbrio entre os Centros Setoriais. Esse é um excelente sinal de que a Universidade está se desenvolvendo em todas as áreas. O novo edital para o Prociência será lançado na página da SR2 agora em outubro e o próximo em meados de 2015.

Programa de Estudos Indianos da UERJ contribui para consolidar a aproximação entre os dois países

Idealizado a partir da conferência *India-Brazil Dialogue* realizada na Universidade de Goa em 2011 e da conferência do professor de Política Internacional da Universidade Jawarhal Nehru, Varun Sahni, em 2012 na UERJ, o Programa de Estudos Indianos (PEIND) da Universidade pretende aumentar o potencial para a integração entre Índia e Brasil, contribuir para um cenário de "integração intercultural, tolerância e respeito", criar um espaço institucional para reunir pesquisadores em estudos indianos ou em estudos comparados entre os dois países, promover o intercâmbio de professores e alunos e organizar evento regular no Rio de Janeiro para a apresentação das pesquisas realizadas ou em andamento.

A aproximação entre o Brasil e a Índia tem sido considerada como prioridade estratégica dos respectivos governos. Na Declaração de Nova Deli, assinada em janeiro de 2004, foram criados vários mecanismos de integração que inicialmente focaram na esfera comercial e mais tarde apontaram para a necessidade de cooperação na área de pesquisa e inovação. No encontro de 2006 da cúpula do Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (IBAS) em Brasília foram estabelecidos acordos de cooperação entre os dois países nas áreas científica e tecnológica e em 2007, nas Declarações do Forte Vermelho, os vínculos estratégicos foram aprofundados no âmbito da cooperação econômica e de pesquisas espaciais e nas áreas de defesa, cultura e intercâmbio acadêmico.

Edgard Leite, professor do Departamento de História e coordenador do Programa na UERJ, explica que já existiam no Rio de Janeiro movimentos de aproximação acadêmica

entre os dois países: "No momento em que começamos o trabalho percebemos a necessidade de reunir pesquisadores em uma instituição que congregasse esforços para o aprofundamento da interação entre universidades de ambos os países. Acreditamos que Brasil e Índia têm muito a aprender e ensinar um com o outro. Há muita simpatia e vontade de cooperação entre os pesquisadores dos dois países". O professor destaca que o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, da Embaixada da Índia e de outros organismos bilaterais foram decisivos para a consolidação do Programa.

Os pesquisadores do Programa acreditam que a iniciativa é importante para estreitar os laços entre os dois países ao ampliar os horizontes acadêmicos em diversas áreas do conhecimento, realçar o lugar da Índia no mundo contemporâneo, incentivar a capacidade de pensar, produzir e aprender em colaboração com pesquisadores indianos. "O estabelecimento de acordos acadêmicos entre Brasil e Índia é importante para sustentar a demanda comum de ambas as sociedades: a de desenvolvimento científico, cultural, econômico e político equilibrado e consistente. É uma grande oportunidade para trocas mútuas e aproxima-nos de uma grande civilização, com a qual podemos aprender muito", diz Edgard Leite.

A Índia é um dos países integrantes do grupo dos Cinco Grandes ou BRICS, como o grupo é conhecido, ao lado do Brasil, da Rússia, da China e da África do Sul. Juntos formam um grupo político de cooperação econômica internacional, apesar de ainda não ser caracterizado como bloco econômico, a exemplo da União Europeia.

Os fundadores e membros do conselho acadêmico do Programa na UERJ são professores e pesquisadores do Brasil e da Índia, entre eles: Amâncio Jorge Nunes de Oliveira (USP), Aparajita Gangopadhyay (Universidade de Goa), Archana Negi (Universidade Jawarhal Nehru, em Nova Deli), Célia Tavares (UERJ), Dilip Loundo (UFJF), Krishnendra Meena (Universidade Jawarhal Nehru em Nova Deli), Lúcia Rabello de Castro (UFRJ), Maria Regina Lima (IESP/UERJ), Monica Hirst (Universidad Nacional de Quilmes, Argentina), Sanjay Salunke (Universidade Dr. Babasaheb Ambedkar Marathwada em Aurangabad, Maharashtra), Embaixador Stello Amarante (Relações Internacionais da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro), Sital Dhillon (Universidade de Sheffield Hallam, no Reino Unido).

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil, por meio da Ministra Maria Clara Carisio e do Embaixador José Pimentel, dá apoio conceitual e logístico ao Programa, assim como a Embaixada da Índia, que tem facilitado os contatos com instituições e agências indianas de pesquisa, desenvolvimento e financiamento. O Embaixador Ashok Tomar, que fala português, é sensível à necessidade de desenvolvimento dos estudos *indológicos* no Brasil: "Pretendemos desenvolver estudos de pesquisadores brasileiros sobre a Índia ou que se interessem por pesquisas de cunho comparativo. Neste momento estamos particularmente interessados em desenvolver estudos conjuntos nas áreas de políticas públicas e sociais, comércio internacional, relações internacionais, história e filosofia", explica o coordenador do Programa de Estudos Indianos da UERJ. Informações sobre o Programa detalhadas estão no seu *site*, em <www.peind.org>.



Reitor: Ricardo Vieira **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira **Informe UERJ – Edição de texto:** Graça Louzada, Sonia Virgínia Moreira **Apuração:**

Lorena Forti, Mariana Pelegrini e Ricardo Nicolay **Estagiário:** Dianne Possoly **Fotos:** Andre Bittencourt **Projeto Gráfico e editoração:** Rafael Bezerra •

Tiragem: 1.000 exemplares **Impressão:** Gráfica UERJ • **Contato:** comuns@uerj.br